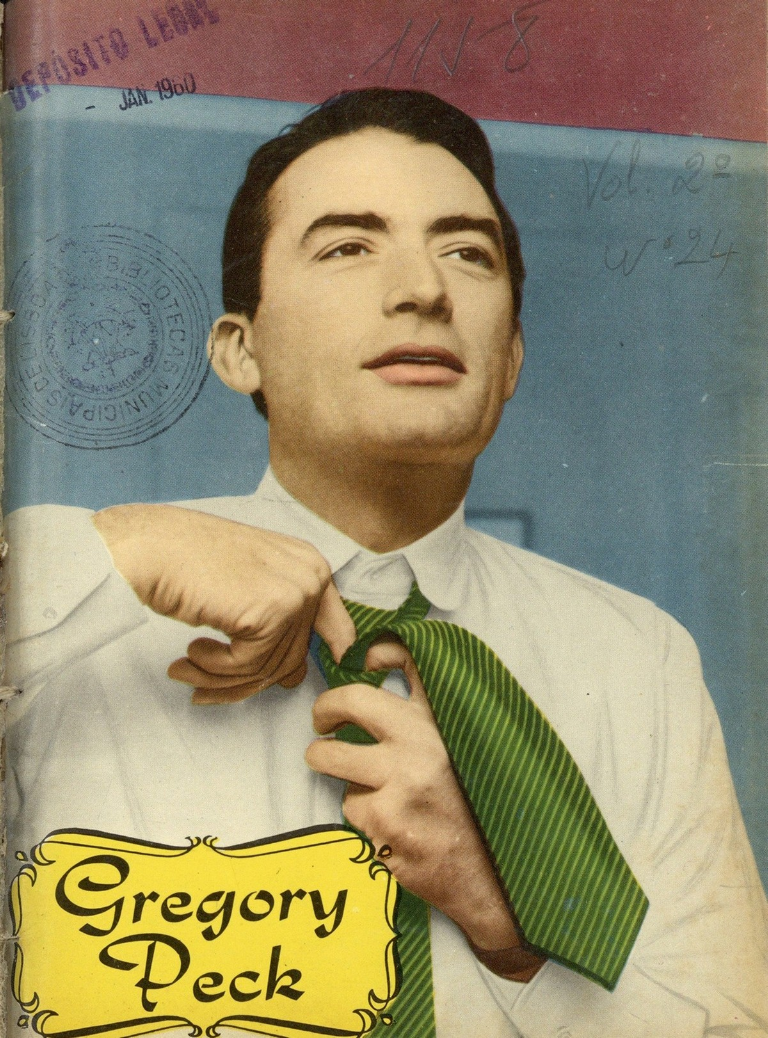

Gregory
Peck

ALBUM DOS ARTISTAS
(2.° Volume — Fasc. 24)
Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639/ /668684 — LISBOA (Portugal) Delegação no Porto: Rua Duque de Loulé, 42 — Telefone 30794 — Composto e impresso nas Oficinas de Bertrand (Irmãos), Ltd.ª — Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.

A história romantica dum «vagabundo sonhador»

Gregory Peck



O mar aberto, imenso, infinito. Na praia, sentado perante um castelo de areia que ostenta, no cimo, uma bandeira de papel, uma criança dirige o seu olhar profundo e longínquo para as águas; parece que procura chegar, através daquele mar de reflexos dourados, à outra costa. É um rapaz de oito anos e ternos olhos tristes; chama-se Gregory Peck. Mora muito perto do mar. Nasceu em La Jolla, Califórnia, e vive ali com seu pai, que é farmacêutico. A sua mãe vive separada dele desde tenra idade. Era uma mulher bonita e meiga, que se havia divorciado de seu pai e voltara a casar. Sempre que o menino pensa nela sente vivos desejos de chorar; ao princípio fazia-o, e agora embaciam-se-lhe os olhos, na solidão do mar; sabe que deve ser forte, que aquela separação é irremediável. Vinham-lhe à memória aquelas palavras de sua mãe, cheias de ternura: «O dia 5 de Abril de 1916, quando tu nasceste e te tive nos meus braços pela primeira vez, foi o dia mais feliz da minha vida. Eras o meu tesouro, meu filho...». Mas tudo aquilo passou, e sucederam-se também os dias em que seus pais o contemplavam enternecidos e lhe contavam histórias fantásticas de heróis super-homens. E chegou o instante fatal em que viu chorar sua mãe; e o seu pai também parecia mais sério do que o costume, e estava triste. Em seguida, sua mãe separou-se dele, foi para longe, e Gregory ficou em La Jolla, perto do mar. Chorou muito, mas compreendeu que as suas lágrimas não solucionavam nada. Então, decidiu ser forte e conformar-se; conformar-se com a sua saudade, como se ela fosse uma vizinha que, compadecida, se ocupasse dele e dele cuidasse; conformar-se com o não



Imagem remota da infância de Gregory Peck. Seus pais haviam-se separado quando Greg ainda não tinha mais que meia dúzia de anos de idade. Tendo ficado na companhia do pai, o pequeno sentia bem viva no seu coração a amargura da ausência de sua mãe, que apenas visitava de quando em quando. Esta foto foi tirada durante uma temporada que a ex-senhora Peck e o filho passaram juntos.

ter outro amigo senão o mar aberto. O pai, na farmácia, fazia o turno nocturno, e de dia dormia para estar atento ao trabalho ao chegar a noite. Gregory mal o via; sentia-se abandonado a si mesmo. De noite, quando se deitava, tinha pesadelos em que via à sua volta personagens estranhos e febris. De manhã vestia-se e ia para a praia, para contar o seu sonho ao mar, para aquietar o seu espírito.

Aos sete anos vai para a escola comunal de La Jolla. Na escola os rapazes falam dos pais e ele morde os lábios ao pensar na separação dos seus. Decide falar com o seu pai sobre isso:

— Papá, quando poderei ir ver a mamã?

— Vê-la pouco, filho?

— Sim. Hoje, no colégio, os rapazes falavam das suas mães...

— Bem, Gregory. Acabo precisamente de receber uma carta de tua mãe em que diz que vas, durante uma temporada, viver com ela em São Francisco — explicou o pai, sorridente, dando a carta ao rapaz.

Três dias depois Gregory é recebido, na estação de São Francisco, por sua mãe, mais bonita ainda do que ele a recordava. A ex-senhora Peck havia voltado a casar e parecia feliz; a presença do seu filho era a melhor dádiva para ela e para a sua felicidade. Gregory devia continuar os seus estudos, e sua mãe levou-o à escola de «São Jaime».

Gregory começa a crescer e a sua adolescência transcorre entre La Jolla e São Francisco. O seu apreço pelo «rugby» é manifesto, mas não parece feliz.

— Gregory, filho, que se passa contigo? — pergunta a mãe, preocupada, uma tarde em que observa o rapaz perdido nos seus pensamentos.

— Pensava no papá... Agora está a levantar-se, acenderá o seu cachimbo e lerá o jornal...

Há um silêncio; sua mãe fica séria, e ele arrepende-se das suas palavras.

— Perdoa, mamã, não queria...

— Não tenho nada que perdoar, filho. Desejo que sejas sempre assim; que queiras muito a teu pai.

— E a ti também — diz, impulsivo, o rapaz agarrando a mão de sua mãe com devoção. — Mas é terrível, mamã. Quando estou contigo penso nele; e lá, a sós com o mar, tenho sempre a tua imagem diante de mim. Isto não é viver! Sofro muito.

— Sinto-o deveras, Greg. Quando nasceste desejávamos ambos ser os melhores pais para ti, e agora repartimos o teu carinho como se fosses um brinquedo. Oh, Greg, meu filho! Quanto deves sofrer!... — soluçou a mãe, abraçando ternamente a cabeça do rapaz. — Tens de nos perdoar, filho. Não temos sabido fazer-te feliz; temo-nos preocupado demasiado em conseguir a nossa felicidade sem pensarmos em ti.

Gregory permanece sereno, sente-se melhor acarinhado pelas mãos finas de sua mãe, e recorda:

— Há dois anos — tinha eu feito treze — estava com o papá. Celebrava-se uma festa na escola, e todos riam e pulavam de satisfação. Eu permanecia só, no campo desportivo; os meus companheiros tinham partido com os seus pais. Imaginava-os em suas casas: teriam naquele momento o o afecto cálido dos seus pais,



Quem reconheceria neste garboso rapazinho com uniforme militar o homem esguio e atraente que hoje emociona os corações das cinéfilas? Nesta altura, tinha 13 anos e frequentava a Escola Militar de St. John, de Los Angeles.



Peck nasceu a 5 de Abril de 1916. O pai queria fazê-lo médico, mas o rapaz foi sempre estudante desleixado. Mais tarde encontrou no teatro a sua verdadeira vocação. Ei-lo numa peça que interpretou na Broadway, em 1942, ao lado de Gladys Cooper.

que escutariam com prazer as suas explicações sobre a escola. Pensei que eu também devia correr a reunir-me com o papá... mas logo retrocedi; para quê ir para casa? Teria encontrado o papá a dormir para poder velar de noite... Então senti mais forte do que nunca a minha solidão; estava desesperado, mamã; desesperado de estar tão só, quando os outros estariam felizes entre os seus pais... Apenas recordava os meus choros de menino, quando te chamava aos gritos, e, naquele momento, aos treze anos, chorei.

Gregory falou pausadamente, como se contasse a cena a si próprio; com um travo de melancolia e amargura na voz. A sua mãe não disse nada; beijou com devoção a testa do rapaz e ficaram os dois em silêncio.

PASSARAM três anos. Gregory continua os seus estudos na escola «São Jaime». Passa umas férias em casa do pai. O senhor Peck manda-o passear pela tarde na companhia duma amiga, Harriet.

— Sai esta tarde com Harriet, filho. É muito boa amiga e tem grande prazer em conhecer-te-. Irei buscá-los à pastelaria de Davis.

Gregory contemplava aquela mulher esbelta e bonita. É amável, e fala-lhe com um suave tom de ternura na voz.

De regresso a casa, algo surpreende o rapaz. Harriet entra com ele, familiarmente. Gregory procura os olhos do seu pai, e interroga-o. O senhor Peck compreende o olhar do filho, e diz:

— Greg: Harriet vem viver connosco. Casámo-nos esta manhã.

O rapaz não pôde dizer nada. A notícia foi uma surpresa para a qual não estava preparado; tentou sorrir, em vão.

— Filho, esperei que completasses dezasseis anos; creio que agora podes compreender melhor o meu procedimento. Tudo será como dantes. Harriet procurará ser para ti um lenitivo. Para mais já vai sendo tempo de pensar no teu futuro. Quero que sejas médico, e pensei em mudar os teus estudos para a Escola Superior de San Diego. Agora vai deitar-te e pensa em tudo isto; desejo ver-te dentro de uns anos transformado num bom médico. Pensa, filho, sê compreensivo, por favor.

Gregory meditou longamente. Tempo depois ingressou na Escola Superior de San Diego. No entanto, o rapaz não se sente atraído pelos estudos sistemáticos e complicados; não quer ser médico; foi para San Diego para fugir do novo lar de seu pai e estar só. Gregory leva a solidão com ele desde os primeiros anos de La Jolla; nem na escola de «São Jaime», nem agora nesta de estudos superiores deixou de ser solitário e fechado sobre si próprio. Adquiriu algo mais da sua infância em La Jolla: o amor à liberdade. Gregory não pode suportar aquela vida quieta e ordenada de San Diego; sente nostalgia pelas horas que passou junto ao mar sem ter que andar ao som duma campainha. A sua nova vida oprime-o e pesa-lhe até à obsessão; não se sente capaz de continuar ali; foram muitas as horas passadas junto a um mar sem limites e a escola parece-lhe um cárcere. Decide partir e procurar algo de novo, um trabalho qualquer.

Sai de San Diego. Seguem-se dias de apatia, sem saber o que fazer; finalmente, consegue um emprego numa sociedade petrolífera como condutor de camiões. A princípio o trabalho parece-lhe divertido, pelo menos as estradas parecem não ter limites tão estreitos como a escola. Durante ano e meio conduz o petróleo dum lugar para o outro com a sua melhor vontade. Certa manhã, Gregory vai iniciar a sua volta; leva sobre os ombros o seu casaco de couro e dirige-se ao gerente.

— Senhor Peck, temos observado o seu trabalho durante estes dezoito meses e anotámos o seu zelo e boa vontade. Assim, estamos decididos a dar-lhe um novo cargo de maior responsabilidade com um aumento considerável nos seus honorários... etc., etc.

Gregory escutou com seriedade; as palavras chegaram até ele como numa nuvem densa; apenas compreendeu que se tratava de firmar um contrato e conseguir isso a que um bom cidadão chama «um futuro». Ele sabe que chegou ali casualmente, para se libertar daquela casa grande com as portas fechadas; nem por um momento pensou que aquele emprego fosse a meta das suas aspirações. Nunca isto passou pela sua imaginação. O gerente, homem entrado em anos, gordo e corado, continuou o seu monólogo acerca de como ele começou com um equipamento de trezentos dólares e um ajudante, e agora era o maior accionista de... etc., etc. Gregory só vê diante de si a mão vulgar onde luz um grande brilhante, e que lhe estende um papel.



Tem-se revelado sempre um homem de temperamento estranho e arrebatado, com fases intermitentes de serenidade espiritual. Mas é, ao mesmo tempo, uma pessoa resoluta e consciente, dotada de força de vontade inflexível, qualidades que o levaram a escolher a carreira para que estava talhado, e a alcançar, dentro dela, uma brilhantíssima posição.

— Assine aqui, senhor Peck. Você tem um bom futuro. É um homem honrado e trabalhador, e isso é importante: ser muito trabalhador! Eu com a sua idade...

— Sinto muito, mas eu não desejo continuar aqui. São muito amáveis em oferecer-me este novo cargo, mas decidi prosseguir os meus estudos e, portanto...

GREGORY Peck ingressa, aos dezoito anos, na Universidade de «Berkeley». Segue os seus estudos e pratica o seu desporto favorito — «rugby» — até que teve uma grave lesão devido a uma placagem.

— Rapaz — disse o médico, depois de observar a perna de Peck cuidadosamente. — Não creio que possas voltar a jogar «rugby»; deverás pensar noutra forma de entreter o teu tempo livre.

Gregory passa a tomar parte no grupo dos remadores da sua Universidade, e no ano de 1937 empreende uma viagem a Nova Iorque para participar nos campeonatos universitários. Os remadores de Berkeley conseguem o triunfo, e concedem-lhes o prémio da regata de Poughkeepsie. Naquele mesmo ano um amigo de Peck propõe-lhe a entrada num grupo cénico por ele dirigido.

— Pensei em ti; pareces muito interessado pelo teatro; na bibiloteca da Universidade vejo-te sempre ler obras dramáticas, e és dos que têm juízos mais exactos sobre a actuação das companhias que vêm à cidade.

— Agradeço o teu interesse. É certo que gosto de teatro — explica Gregory, entusiasmado. — Sabes uma coisa? É o que mais gosto entre todas as actividades culturais e artísticas que conheci. É um mundo maravilhoso, Fred. Penso nisto há tempo; desde que abandonei o trabalho de condutor de camiões, hei-de procurar, por todos os meios, aperfeiçoar o meu inglês, ler muito e observar os actores em cena. Que obra queres representar?

— «Ana Cristina». E queria que interpretasses o primeiro papel.

— É magnífico! O'Neil é genial. Conheço esse papel de que falas, e porei todo o meu entusiasmo para que saia bem.

Começaram os ensaios e desde o primeiro dia em que Gregory subiu à cena compreendeu que havia encontrado o seu caminho.

Depois de «Ana Cristina» interpretou outros papéis, e, à medida que se familiarizava com o teatro, a sua ilusão e o seu interesse eram maiores. Correu o tempo. Chegou o ano de 1939 e recebeu o diploma ao finalizar os seus estudos. Tinha uma ideia fixa e estava decidido a seguir para a frente. Foi visitar seu pai e contou-lhe os seus projectos.



Greg é uma pessoa despretensiosa e afável, cuja companhia toda a gente deseja. E até este elegante cachorro, se pudesse falar, afirmaria que o dono é um esplêndido camarada.

A notável actriz francesa Michèle Morgan foi a Hollywood interpretar uma película, e assistiu, na companhia de Gregory Peck, à «première» do filme «Sublime Tentação». Como é hábito nas estreias da capital do cinema, um microfone andou a saltitar de vedeta para vedeta. Gregory desculpou-se da ausência de sua mulher, Verónica: «Ela, agora, quase não me liga e prefere o Anthony!». (Anthony Peck é o filho de ambos, nascido recentemente).



O senhor Peck tinha grande vontade de que seu filho fosse médico mas, perante as palavras de Gregory, viu tal decisão e segurança nele que compreendeu que seria inútil qualquer intento para fazê-lo desistir.

— Está bem, filho; se acreditas que escolheste o teu caminho e depositaste nele as tuas ilusões, o melhor é seguires para Nova Iorque; ali ser-te-á mais fácil conseguir o que desejas. Tenho um amigo em Nova Iorque, concessionário na Feira Mundial; dar-te-ei uma carta de recomendação para ele. De momento, ser-te-á preciso um trabalho até que te orientes no teatro, não é assim?

— Sim, é claro. Estou disposto a tudo, pai.

Ao chegar a Nova Iorque teve que se alojar no Exército de Salvação. Depois, apresentou-se ao amigo do seu pai e entrou a trabalhar na Exposição Universal. O rapaz tinha boa voz e foi destinado a anunciar os visitantes que entrassem no local, durante doze horas diárias, de manhã à noite.

Passadas umas semanas, Gregory supõe que se continuar naquele trabalho como «charlatão» corre o perigo de perder a voz; despede-se do amigo do pai, agradecendo-lhe o seu interesse. Consegue outro emprego como guia no famoso edifício «Rádio City». Agora, Greg converteu-se num boémio completo; o seu ordenado apenas lhe chega para o sustento. O encarregado do pessoal havia-lhe recomendado:

— Você deve procurar que o grupo de

turistas que guia caminhe rápido por onde você os leve; quanto mais cedo terminar o percurso, mais depressa poderá acompanhar outro grupo; não esqueça que o ordenado é mínimo e que para ganhar dinheiro é necessário acompanhar vários grupos ao dia, pois eles são os que realmente pagam o seu trabalho. A prática será o seu melhor aliado.

Gregory iniciou o seu trabalho mas as recomendações, esqueceu-as quando viu à sua frente o teatro da «Rádio City»; Gregory esqueceu também a sua missão naquele lugar e apenas atendia às perguntas que lhe faziam os turistas. Tudo ia muito bem até que chegavam à sala e se deixava vencer pela obra que representavam. Então, convidava os visitantes a sentarem-se e fazia-o ele próprio; desta forma o seu grupo assistia a toda a representação teatral na sua companhia. Desta atitude de Gregory ele era o maior prejudicado. Fazia uma só refeição ao dia. Vivia numa contínua mudança, duma habitação mobilada para outra. Apesar de tudo, existe algo a que ele não renuncia: as suas aulas numa escola de arte dramática, a que assiste todos os dias ao terminar o seu trabalho. Os professores da escola admiram a aplicação de Peck e estão entusiasmados pela interpretação que sabe dar a todos os papéis que o obrigam a estudar. Pretendem ajudá-lo e concedem-lhe uma bolsa de estudo. Então ele abandona a sua colocação e dedica-se inteiramente a estudar arte dramática na escola de Neighborhood, onde passa dois anos. Durante o verão de 1940 obtém outra bolsa de dez semanas para o famoso teatro «Barter», de Abingdon. Interpreta no teatro sete obras em que encarna personagens diversos. No teatro «Barter» os espectadores pagam os seus lugares em géneros, e como a região é das primeiras no cultivo de espinafres, Gregory estava próximo da indigestão. Afortunadamente o prazo expirou e regressou a Nova Iorque.

Na primavera seguinte, Guthrie Mac Clintic viu-o actuar e propôs-lhe trabalho na companhia de sua mulher, Katherine Cornell.

— Vamos fazer uma «tournée» com a obra «The Doctor's Dilema». Tenho esperanças em si, mas de momento não posso oferecer-lhe mais do que um papel secundário... — falou francamente Mac Clintic.

— Qualquer papel é bom para começar; não se preocupe com isso — contestar; não se preocupe com isso — retorquiu, sorridente, Gregory, que parecia luz de esperança.

Fez-se a digressão, e a própria Katherine Cornell viu com assombro a perfeição do trabalho do novo actor.

— É um rapaz de valor, e sente verdadeiramente o teatro — dizia Katherine Cornell a Greta Rice, sua secretária.

Greta sorria e os olhos brilhavam com doçura, assentimento e devoção. Greta Rice era também maquilhadora de Katherine, e quando terminava a maquilhagem dirigia-se ao cenário e ali, entre bastidores, seguia, uma a uma, as frases daquele homem alto, delgado, de olhar profundo, com certo ar britânico, correcto e sério. Greta gostava do jovem actor. Acreditava sinceramente que Gregory tinha o seu lugar no teatro e desejava intensamente que conseguisse o triunfo. Greta era uma mulherzinha de cabelo loiro, de origem finlandesa. Tinha um trabalho obscuro no teatro, mas também ela amava aquele mundo estranho de projectores e de ficção. Greta era o modelo feminino ideal do homem: calada, tranquila e cheia de boa vontade. Tinha um sorriso delicioso e uma ternura nos olhos pela qual Gregory se sentiu atraído desde o primeiro instante.

Nas horas livres Gregory procurava sempre a companhia de Greta.

— Greta! Esta noite põe o teu melhor vestido; recebi o ordenado e vamos cear



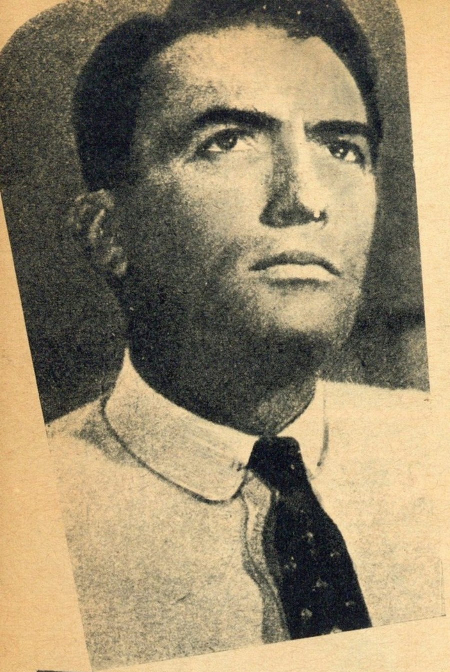
dever a sua primeira grande oportunidade nos palcos. A jovem secretária começou a interessar-se mais do que seria normal pela carreira daquele actor que despontava auspiciosamente. E Gregory reparava mais do que seria necessário naquela secretária com rosto de boa rapariga, sossegada e extremamente afável. Depois, um amor sereno principiou a envolver os seus corações.

Peck não esconde que este seu primeiro casamento teve importante influência no desenvolvimento da sua carreira. Greta era o anjo da guarda da sua carreira. Era a primeira a elogiar-lhe os triunfos ou animá-lo dos fracassos.

O 1.º casamento de Greg



Greta Rice era secretária e maquilhadora de Katherine Cornell, a notável actriz de teatro a quem Gregory Peck ficou a



Criado num lar cuja felicidade fora destruída pela incompreensão dos dois cônjuges, subtraído aos carinhos insubstituíveis da mãe, Greg tornou-se uma criança melancólica, sofrendo em silêncio a amargura latente de um drama que tanto influi no desenvolvimento psíquico de um indivíduo em formação. A esse factor se deve, com certeza, bastante da personalidade insólita do actor, que varia desde a boémia desregrada à mais obstinada solidão. Nas suas frequentes crises de ensimesmamento, é um homem fechado, taciturno, inquieto, propenso a abandonar o que lhe dá prazer e a procurar qualquer coisa que deseja mas não sabe o que é. Tal estado de espírito levou-o, há anos, a abandonar o lar pela primeira vez, sem motivos, sem explicações. E impele-o também a constante viagem pelo mundo, em doentia vagabundagem.

num grande restaurante da cidade — disse-lhe, uma noite, ao terminar o primeiro acto de «Capitão Jinke».

— É uma loucura, Gregory; vais passar o resto da semana sem um cêntimo.

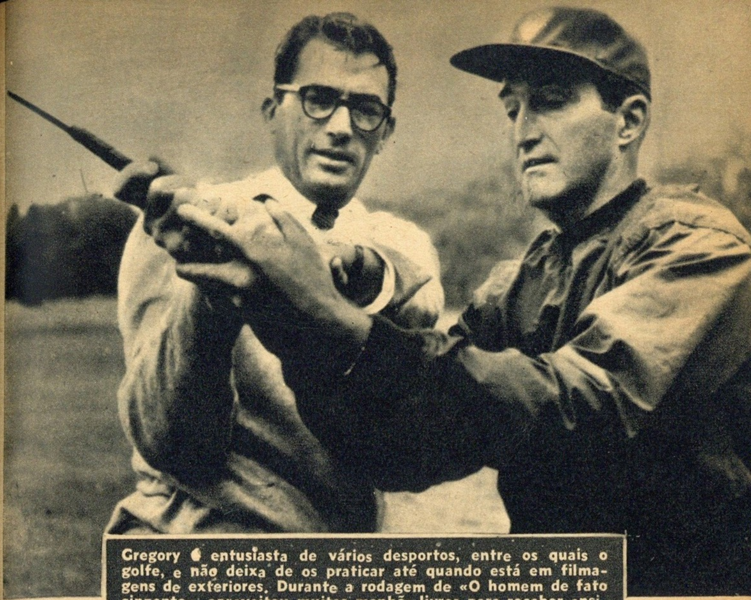
— Não importa; esta noite faremos de milionários.

Cearam numa mesa afastada, com uma ténue luz que dava intimidade. A música é suave e cadenciada. Começam a dançar muito juntos, em silêncio; de quando em quando, Greta levanta os olhos até ele para se sentir envolvida pelo olhar que perdeu a sua tristeza habitual, e brilha alegremente. E a estatura de Gregory diminui a dela. Greta não é bonita, é um pouco forte, mas naquela noite Gregory crê vê-la pela primeira vez e parece-lhe bonita; leva um vaporoso vestido preto, o cabelo apanhado sobre a nuca, tem os lábios pronunciados e isto dá harmonia ao seu rosto que, doutra forma, seria demasiado redondo. Parece uma japonesita loira. É a primeira a falar.

— Parece um sonho, Gregory; gostava de prolongar esta noite — disse ela.

— Parece-te que valia a pena? — pergunta ele, muito baixo. Fixa o olhar, com prazer, na sua companheira de baile, e diz-lhe: — Recordas-me uma fada que poderia ter sido pintada por Rubens para um conto de crianças.

Ela sorri. Sabe que o actor é pouco cultivador de frases galantes ou lisonjeiras, e por isso agradece.



Gregory é entusiasta de vários desportos, entre os quais o golfe, e não deixa de os praticar até quando está em filmagens de exteriores. Durante a rodagem de «O homem de fato cinzento», aproveitou muitas manhãs livres para receber ensinamentos valiosos do professor de golfe George Buck, nos campos de Longshore Beach e Country Club. (Já sabiam que Peck precisa de usar óculos?).

Continuam na pista, movendo-se apenas num pequeno círculo.

— És feliz, Gregory? — pergunta Greta.

— A teu lado sou-o sempre; és a única pessoa que abriu uma porta que julgava fechada para mim desde criança. Não creias que te chamei fada para fazer-te galantear — termina com um carinhoso sorriso.

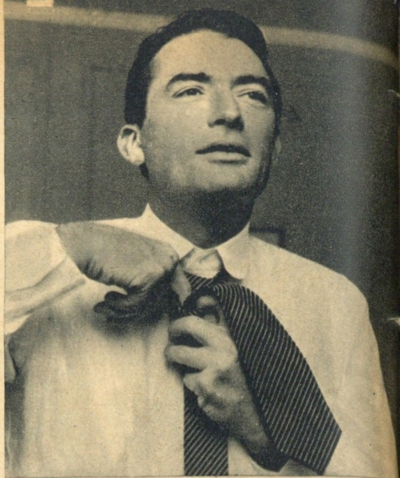
— Há quatro meses que nos conhecemos, querido, e parece-me que só estes quatro meses contam na minha vida.

— É lamentável, Greta, que eu não disponha de dinheiro. Mas devo abrir o meu caminho.

— Tudo irá bem, tu verás, Gregory; tenho fé em ti, e sei que alcançarás o lugar que te corresponde.

— Greta, tu crês em mim, e é talvez esta tua fé que mais me ajuda a não desfalecer e a seguir adiante. Às vezes tudo se torna sombrio e sinto desejos de desistir. Então vejo-te entre os bastidores, repetindo as minhas frases com os olhos fechados, em silêncio, e recobro as esperanças. Sabes? Tudo vale a pena: a digressão, o meu papel secundário, a falta de dinheiro, o não ver brilhante o meu futuro, se detrás dos bastidores estás tu, sorridente e iludida...









A arte de ser elegante

Demonstração em 7 imagens de um dos «astros» do cinema que melhor veste







1) A cuidadosa escolha da gravata. 2) O nó deve ser feito com esmero, para ficar correcto... 3) ...e bem ajustado ao colarinho. 4) Não basta mandar fazer um fato — há que saber escolher o estilo e vesti-lo com elegância. 5) A cabeça não serve só para pôr o chapéu... serve também para pensar na melhor maneira de o pôr... 6) Deve ser colocado meticulosamente, sem pressas. Alguns segundos não fazem falta a ninguém. 7) E, ao sair de casa, a elegância mantém-se. Aprumo e distinção no andar.

— És um grande actor, Gregory; não sou eu só quem assim pensa. Katherine diz que às vezes gostaria que fosses tu o primeiro actor; tem a impressão que ela mesma daria mais vida ao seu papel se tu fosses o seu par. Quando tu falas em cena os outros actores sobem em intensidade e dão mais expressão ao seu papel — afirma convictamente a rapariga loira.

— ...Se as coisas corressem bem casaríamos já, Greta — diz Gregory ao sentar-se junto a ela na mesita solitária.

— Estou certa que chegará o dia em que serás um grande actor. É o que mais desejo neste mundo, Gregory — diz ela, ao sentir-se atraída pelo braço forte dele.

Às três da madrugada tomam o caminho de regresso.

— É a hora mais bonita da noite, Greta. A esta hora é melhor andar.

Caminham lentamente, de braço dado. Ele pára e procura qualquer coisa no bolso das calças.

— Olha, vem até este candeeiro — diz, tomando a mão de Greta.

— Que vais fazer? — pergunta ela.

— Quero ver o dinheiro que me resta. Vê, tenho ainda doze dólares. Amanhã teremos também uma ceia de burgueses.

— Mas, Greg... — protesta ela.

E Gregory não lhe permite que continue, interrompe a frase com os seus lábios. E permanecem assim abraçados, durante uns segundos, enquanto a luz do candeeiro projecta as suas sombras e alarga as cabeças unidas até que parecem formar uma pirâmide irreal.



1.º CAPITULO SENTIMENTAL

Reunidos num enternecido abraço de felicidade, aqui vemos os protagonistas do primeiro capítulo sentimental da vida de Gregory Peck: a esposa, Greta Rice, e os três filhos, Jonathan, Stephan e Carey Paul. O temperamento insatisfeito do actor afastou-o desta família serena.



2.º CAPITULO SENTIMENTAL

A protagonista do segundo capítulo sentimental: a jornalista Verónica Passani, de origem eslavo-francesa. Coaduna-se admiràvelmente com a maneira de ser complexa de seu marido. Já lhe deu um filho (Anthony Peck).

Na noite seguinte cearam noutro célebre restaurante nos arredores da cidade; encontraram ali os Mac Clintic. Foi uma noite alegre e simpática em que se apertavam os laços de amizade entre Greg e os Mac Clintic. Falaram de teatro e de autores como quatro bons camaradas; traçaram projectos para quando se concluísse a «tournée».

— Iremos a San Francisco; Katherine deve interpretar ali «Rose Burk», com Jean Pierre-Aumont.

— Sabes uma coisa? — declarou simplesmente Katherine. — Preferia que fosses tu quem interpretasse este papel, Gregory. E lamento deveras não poder oferecer-te esta oportunidade.

— Prometo-te, Peck, que conseguirei para ti essa oportunidade — confirmou o marido de Katherine com lealdade.

Ao amanhecer regressaram cantando alegremente canções marítimas que Gregory lhes ensinava, e as suas vozes permaneciam no ar, como um smbolo daquela amizade que se consolidava.

Seguiram-se dias de escassez para Gregory e Greta.

— Convido-te a comer uma sanduíche de pé esta noite — disse ele, com certa timidez, ao terminar a representação.

— Agora mesmo, Gregory, estou famélica — disse Greta, agarrando-se ao seu braço.

Entraram num bar qualquer, comeram um pratinho cada um e beberam uma caneca de cerveja. Depois, passaram sem pressa. Acomodaram-se muito juntos na balaustrada da ponte e contemplaram os reflexos das luzes da cidade sobre o rio, que deslizava com suavidade. Gregory havia passado os seus braços pelos ombros de Greta e ela havia-se refugiado nele.

— És feliz? — perguntou ele, amoroso.

— Sim, querido, muitíssimo.

— Esta noite não se escuta outra orquestra senão a das águas; a nossa mesa é a balaustrada desta ponte, e a lua a única lâmpada acesa — disse ele, sorridente, em tom melodramático.

— ...Tudo isto parece que está preparado para nós...

— É certo; o importante é que estamos juntos, tu e eu; o resto é acessório, é a decoração, como no teatro.

Guardaram silêncio e fez-se mais forte o ruído do rio. Gregory perguntou:

— Estarias disposta a aceitar a minha forma de viver neste momento?

— Imediatamente, Gregory! Eu não tenho mais ambições do que a de querer-te e ajudar-te. Desejo casar contigo para estar sempre junto de ti; não importa que

vivamos numa habitação mobilada ou numa grande mansão; o nosso lugar estará onde estivermos os dois e o nosso carinho o fará resplandecer.

— Obrigado, querida — disse ele, beijando-lhe a face, onde havia um gracioso sorriso.

— Casar-nos-emos quando puder oferecer-te algo de seguro.

A digressão terminou em San Francisco, onde Gregory Peck esperou em vão a oportunidade de substituir Jean Pierre-Aumont. Regressou a Nova Iorque e viveu uns dias de inquietação. Uma semana depois, Peck assina um contrato com Jane Cowl e trabalha na obra «Punch and Julie». Depois é contratado em Cape Playhouse de Dennis, onde interpreta «The Circle», com Karen Morley; «Rebound», com Ruth Chatterton, e «The Duenna», com Jimmy Savo.

Agora é o próprio Mac Clintic quem o procura para confiar-lhe o primeiro papel de «Morning Star», a obra que acabava de obter um grande êxito em Londres.

— Greta! — chama em seguida pelo telefone Gregory. — Acabo de falar com Mac Clintic; vou trabalhar com ele. Antes casar-nos-emos. Juntos para sempre, querida — são as suas últimas palavras.

Casam-se e vão viver para uma pequena habitação num último andar. Carecem de dinheiro, mas a felicidade está com eles, e têm plena confiança no futuro, que Gregory começa a vislumbrar como algo tangível. Continuam a sua vida de boémios enquanto duram os ensaios com os Mac Clintic. A estreia é um grande triunfo para Gregory, e as críticas assinalam o seu trabalho com grandes elogios. Seguidamente interpreta «The Willow», com Marta Scott, e «Sons and Soldiers», com Geraldine Fitzgerald, posta em cena pelo célebre Max Reinhardt. A sorte bateu-lhe à porta e Gregory Peck é considerado já entre os primeiros nos teatros da Broadway.



Peck é, hoje, um dos mais apreciados galãs românticos da tela. As cenas de amor que desempenha diante das câmaras são vividas com tal sinceridade e intimidade, que transmitem ao espectador, com invulgar realismo, o fogo da paixão que une os personagens. Bem o confirma esta cena de «A Mulher Modelo», com Lauren Bacall.

Casey Robinson, que conhecia Peck há uns anos, quando estudava na escola de Neighborhood e comia espinafres em Abigdon, foi vê-lo actuar e interessou-se pelo actor. Pretendia levá-lo para o cinema; ele também havia sido director de cena e convertera-se em produtor cinematográfico.

— Diante das câmaras, vencerás, e hás-de fazer fortuna.

— ...Mas Hollywood não me interessa. Eu quero fazer teatro, apenas.

— Olha, Peck, eu também acreditava que a única arte pura era o teatro, e agora estou em Hollywood e encontro-me bem lá. Também o cinema oferece possibilidades a um bom actor. Quero que interpretes «Dias de Glória», o meu próximo filme; Jacques Tourner será o director. Vamos! É um favor que te peço; depois voltarás para o teatro se isso te dá prazer.

Dois dias depois desta conversação, um empresário novaiorquino recebe uma chamada telefónica de Samuel Goldwyn, de Hollywood.

— Quanto quer por Peck? — perguntou Goldwyn, rápido.

Aquele empresário não conhecia o actor Peck, mas respondeu tranquilamente:

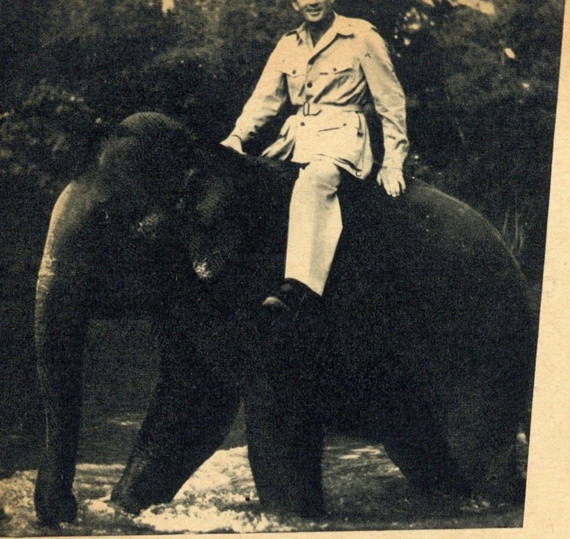
— Três mil dólares por semana.

— Está bem! — aceitou o mais famoso dos produtores americanos.

Gregory Peck faz as malas e empreende a viagem com sua esposa para Hollywood.

«Dias de Glória» constitui um êxito rotundo e Peck sente já a tentação da capital do cinema, ainda que a considere passageira. Firma um contrato único nos anais da cinematografia: doze filmes que interpretará em quatro anos para quatro produtores distintos: «As chaves do reino», «A barreira invisível», «Céu amarelo» e «Almas na fogueira», para a 20th Century-Fox; «Duelo ao sol», «Recorda», «O caso Paradine» e «O fidalgo dos mares», para David O. Selznick; «O vale do destino» e «O despertar», para a M.G.M.; «The Macomber Affair» e «O grande pecador», para Casey Robinson. A sua sorte estava definida.

E ao chegar a casa, com o contrato



Uma faceta do festejado «astro» que pouca gente conhece: gosta de passear a cavalo... num elefante! Quando esteve no Ceilão a filmar «A Planície Vermelha», o fotógrafo da equipa conseguiu surpreendê-lo como estão a ver... «nas suas sete quintas».

Gregory, que é, actualmente, um dos primeiros intérpretes do cinema mundial, estreou-se como actor de teatro na peça «Ana Cristina». Antes, tinha sido condutor de camiões numa empresa de transportes e cicerone do «Rádio City».

assinado, esperava-o outra nova alegria: o nascimento do seu primeiro filho, Jonathan. Greta recebeu o seu esposo com um sorriso cheio de ternura. Gregory estava emocionado quando se acercou dela.

— Querida — disse-lhe. — Obrigado por me haveres concedido este filho. Só por isto teria já que te querer e estar agradecido para sempre. É o nosso filho, e ele será um rapaz feliz dum matrimónio unido.

A rodagem de «As chaves do reino» começou imediatamente. Punha no trabalho todo o seu esforço e cada um dos seus filmes era uma lição de boa arte para os habitantes de Hollywood. Os directores diziam que ele «era o prodígio de interpretação». Selznick, que entretanto o dirigia em «Duelo ao sol», opinava que ninguém poderia tirar maior partido do personagem difícil e estranho que encarnava.

— O próprio Dostoiewski — comentava Casey Robinson quando filmavam «O grande pecador» — ao descrever «O jogador» sonharia com um actor como Peck para interpretar a sua obra.

Quando lhe fizeram as provas cinematográficas para interpretar o Paul Scott de «O vale do destino», produtor e director de cena entusiasmaram-se com os resultados.

— Tenho a certeza de que Peck tem abertas as portas da glória como galã. Reune simpatia, compostura e grande atractivo entre o elemento feminino. Não se pode pedir mais — prognosticou o produtor Edwin Knopf.

— E, no entanto — disse Tay Garnet, o director da nova película, — tenho a

O casamento (secreto) de um ídolo



O casamento de Gregory Peck com a jornalista francesa Verónica Passani foi um dos mais românticos enlaces da grande família cinematográfica. Para os que gostam de conhecer todos os pormenores destes episódios de autêntico sabor folhetinesco (estamos a pensar especialmente nas leitoras jovens, para quem o acto nupcial é um sonho aliciente), vamos contar como se passaram as coisas nesse último dia do ano de 1955...

O casamento realizou-se dezanove horas depois de ter sido dada a sentença do divórcio de sua primeira mulher. Isso prova que ele estava ansioso por «se amarrar», e não perdeu tempo em conjecturas e planos. Foi só o tempo de pegar em Verónica e partir para Santa Bárbara. Era um sábado, e, como as repartições oficiais não estivessem abertas, Gregory Peck usou a sua influência e conseguiu uma licença de casamento por intermédio de um deputado, evitando assim qualquer publicidade em volta do acontecimento.

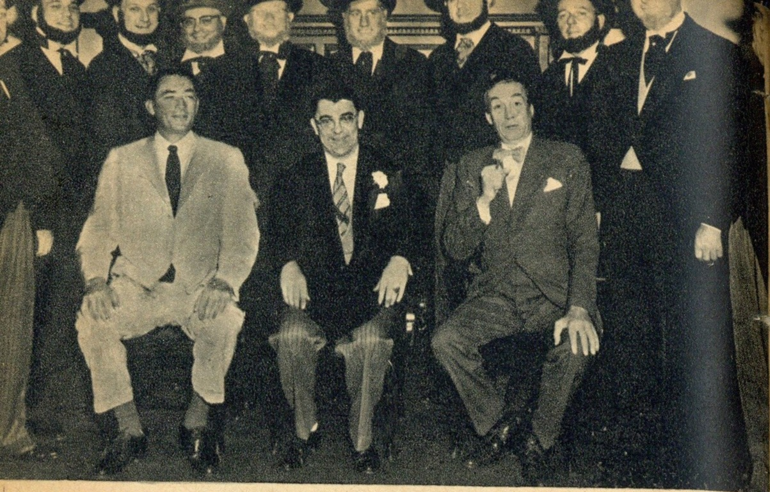
Assim que ficaram de posse da licença, partiram para a fazenda do casal Channing Peake, em Santa Inês Velley, onde Peck possui algumas cabeças de gado de sociedade com Peake. Ao chegarem lá, conseguiram um juiz para fazer o casamento, que contou apenas com a presença dos donos da casa e da mãe de Peck e seu marido.

Verónica estava linda no seu vestido azul, exibindo apenas um colar de ouro e pérolas como enfeite. Tinha um «bouquet» de camélias nas mãos, e um ligeiro tremor das flores traía o seu nervosismo.

A cerimónia realizou-se de noite. Foi rápida e simples. Greg e seu padrasto beijaram a noiva, e seguiu-se os brindes e a ceia.

Mais tarde os recém-casados seguiram, de braço dado, para uma pequena casa de hóspedes, dentro da propriedade dos Peakes, onde passaram dois dias.

Na manhã de terça-feira, Greg estava já de volta ao estúdio da 20th Century Fox, para filmar «O homem de fato cinzento», e Verónica muito compenetrada no seu papel de dona de casa.



Este curioso grupo foi retratado quando da estreia de «Moby Dick» em Nova Bedford. À frente, Gregory, o «mayor» da cidade, e o realizador John Huston; atrás, várias entidades oficiais de Nova Bedford... com barbas postiças, em honra do filme.

certeza de que, se Gregory Peck atingir a fama, continuará a ser o mesmo personagem simples e despreocupado que era quando entrou nos estúdios pela primeira vez.

E Tay Garnet não se equivocou no seu juízo. Gregory havia-se instalado numa casa próxima aos estúdios, onde Greta se ocupava dos filhos: Janathan e Stephan, nascido em 1945. Tinham dinheiro e a sua vida decorria aprazível. Três anos depois do nascimento de Stephan, Gregory sente a opressão de Hollywood, de Greta e das conveniências estabelecidas; renascem o seu afã aventureiro e boémio, a sua liberdade de La Jolla, e abandona o seu lar sem dar explicações. Necessita vaguear uns dias sem obrigações. Regressa pouco depois, no nascimento do seu terceiro filho, Carey Paul, e filma «O pistoleiro». Greta não diz nada, nem o repreende. Mas guarda aquela fuga do seu marido no seu íntimo e compreende que pode ser um início dum drama interior que o actor sustenta consigo mesmo. O Gregory aventureiro que um dia abandonou o colégio para conduzir um camião não se deixará vencer fàcilmente.

GREGORY retoma o seu trabalho e o seu lar com entusiasmo. Agora é um grande actor, um actor genial que surpreende pelas criações dos personagens que interpreta. Mas Gregory, ao empreender aquela fuga e ao aceitar os caminhos do cinema, só sentiu nostalgia pelo teatro. Funda, então, em La Jolla, um pequeno teatro no qual actuarão os melhores actores de Hollywood. Gostava de convidar os seus amigos para sua casa, mas em certas ocasiões surgia o homem estranho, liberal, insociável que ele pre-



Gregory Peck e John Huston saudaram assim a multidão, em frente do «State Theatre» de Nova Bedford, na noite da estreia da película. Vemos também a senhora Peck e «Miss New Bedford».

tendia fazer desaparecer. Surgia muito a seu pesar, como uma força que se impunha à sua cortesia. Uma noite chegou a casa; estava tudo preparado para uma festa; os seus amigos falavam de tudo, à excepção do que ele teria querido falar: do seu trabalho, como devia orientá-lo e, sobretudo, o sentido que deveria dar à sua própria vida. Encontrou-se um estranho em sua casa; falava-se de coisas repetidas mil vezes; nada daquilo tinha sentido para ele. E sai sem dar uma pequena desculpa. Na solidão sente outra vez desejos de andar para longe daquele mundo, mas detém-se ao pensar nos seus filhos.

Em 1950 finaliza o seu contrato e opta por escolher ele próprio os seus personagens e firmar um contrato para cada filme que interprete.

— Será muito melhor, Greta; nego-me a interpretar películas absurdas, em que não posso representar mais do que tipos néscios; quero fazer bom cinema e tenho direito a exigir o que me convenha. Em Hollywood há que andar com cautela.

— Sim, Gregory; aqui tudo é comercial, e valem-se de todos os meios para conseguir filmes para a galeria. Não deixes que te utilizem para isso, já demonstraste a tua superioridade artística.

— Gostaria de fazer umas férias e ir longe, escutar o agradável ruído dum expresso a toda a velocidade; já sabes do que gosto, mas de momento só posso oferecer-te uma viagem à Grã-Bretanha, onde filmarei «O fidalgo dos mares», outro filme que me inspira pouca confiança.

Na Grã-Bretanha, Greta e Gregory apa-

Nem tudo são cenas de amor no cinema



recem nas salas nocturnas como nos seus bons tempos de digressão com os Mac Clintic. Gregory é agora um marido modelo. No seu regresso a Hollywood filma «David e Betsabé», «Só e Valente» e «O mundo nos seus braços». Depois vem a proposta de Darryl F. Zanuck.

— Peck, será uma super-produção extraordinária — diz-lhe entusiasmado. — O realizador é Henry King, e empregamos o tecnicolor.

— É um guião teu? — pergunta o actor.

— Não, é a famosa novela de Ernest Hemingway, «As neves de Kilimandjaro». Eu só fiz a adaptação — explica Casey Robinson.

— Magnífico! Aceito decididamente. Hemingway é a melhor garantia que podias oferecer-me. Sempre senti predilecção por essa novela, e vibrei com o carácter do protagonista... Quem serão elas?

— Havíamos pensado em Ava Gardner, Susan Hayward e Hildegarde Neff.

Gregory começou o seu trabalho e dizia-se que aquele papel parecia escrito exclusivamente para ele. Nunca se entregara a um papel com tanto ardor. Quando se projectou o filme em Hollywood pela primeira vez, alguém que conhecia muito bem o actor, disse:

— Se se deve conceder um «Oscar» por saber escolher um intérprete totalmente adaptado à sua personagem, este é o filme que o merece.

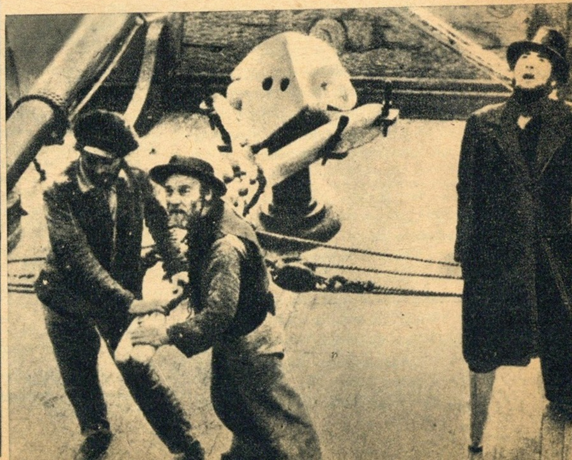
Gregory é designado para empreender uma viagem pela Europa e apresentar



«As neves de Kilimandjaro» nas diversas capitais europeias. Parece um vagabundo que buscasse algo indeterminado sem forma nem cor; a alegria reflecte-se no seu rosto porque conseguiu sair daquele estatismo de Hollywood; a Europa recolhe melhor a sua maneira de ser. Já não se sente uma fera enjaulada, é um homem que vagueia pelas ruas e descobre seres novos e novos edifícios; arte, outra música diferente e um ambiente mais autêntico. Greta e os seus três filhos estão com ele na Itália; os rapazes vão para um colégio de Roma. Gregory, em Itália, filma uma película com Audrey Hepburn, «Férias em Roma». Depois deve mudar-se para Inglaterra.

— Tenho que filmar ali «Milionário sem vintém» — explica. — É melhor que regresseis aos Estados Unidos

Gregory Peck é, sem dúvida, o herói ideal das histórias amorosas. Mas a verdade e que nem tudo são cenas de amor no cinema, e há papéis que exigem pesados sacrifícios e muitas horas de esforços extenuantes. Assim, em «Moby Dick», em lugar de sequências cor-de-rosa, Peck teve de viver diante da câmara cenas de grande violência, especialmente nas tomadas de vista da luta com a baleia, de que damos dois convincentes aspectos. De resto, todas as filmagens foram, para ele, bastante árduas, pois teve de suportar, do princípio ao fim, uma incómoda perna de madeira postiça. Um grande actor como Gregory Peck, pago a peso de ouro pelas maiores produtoras, também sofre, afinal, as suas torturas profissionais.



quando eu sair para Inglaterra; em breve voltaremos a reunirmo-nos.

Greta parece cansada e triste; esta viagem à Europa converteu o seu esposo num homem novo, jovial e algo despreocupado pelos assuntos familiares. Está intranquila, antevê uma grande ameaça para a sua felicidade. Não sabe exactamente onde está o perigo, mas compreende que existe, e que tomará forças quando ela regresse à América e deixe só o actor que aclamam em toda a Europa. Deveria talvez permanecer junto a ele e esperar, mas quere-lhe demasiado e crê compreender que seu esposo deseja a solidão. Nem por um momento Greta lhe imporá a sua presença; confia nas palavras de Gregory de há nove anos, quando nasceu Jonathan: «Nunca nos separaremos, querida. O facto de me haveres dado um filho seria suficiente para que te estivesse sempre agradecido. Estaremos sempre unidos para que os nossos filhos conheçam a felicidade que a mim se me negou em rapaz...». Tudo aquilo era sincero; será confiada e paciente; o importante é que Gregory seja feliz.

— Sim, Greg — diz, finalmente, com uma ligeira tremura na voz. — Amanhã tomamos o avião.

— Ide uns dias para o campo. Os rapazes necessitam de descansar antes de ir para o colégio. Quero que nossos filhos se habituem à vida do campo tanto como à da cidade — diz Gregory, enquanto enche o seu cachimbo de tabaco.

DEPOIS de filmar «Milionário sem vintém», vai a Berlim para começar a rodagem de «Gente da noite», o seu primeiro filme em cinemascope, sob a direcção de Nunnally Johnson. O Natal aproxima-se e Gregory sente a nostalgia dos seus filhos; recorda a promessa que fez ao pequeno Jonathan. Fala pelo telefone com Greta e pede que lhe envie o rapazito para Paris. Na véspera de Natal espera impaciente a chegada do

Peck foi «caçado» por esta mulher...

CERTA vez perguntaram a Madame Pompadour, uma das maiores autoridades em assuntos amorosos, o que era preciso para triunfar no amor.

— Procure conquistar um homem de recursos — respondeu a célebre favorita de Luís XV — que esteja na iminência de abandonar a esposa.

Certamente, a encantadora jornalista francesa de 26 anos chamada Veronique Passani, seguiu esse sistema, há seis anos, sem nunca ter lido as famosas palavras da Pompadour. E o resultado é que ela é hoje a segunda senhora Peck.

A inteligente Veronique é, actualmente, alvo de muita inveja e admiração. Reside com seu marido, de 42 anos, numa pitoresca propriedade em Mandeville Canyon, e todos perguntam:

— Como foi que ela conseguiu «caçar» Gregory Peck?

— Greg não poderia ter arranjado coisa melhor?

— Que é que essa rapariga tem de especial?

— Peck é milionário, e a presa mais arisca de Hollywood. Que terá ela usado como isca para atraí-lo?

Enquanto os outros se perdem nestes comentários, Veronique não esconde a sua felicidade quando diz:

— Greg e eu somos tão felizes que chega a ser difícil explicar a nossa felicidade!

E com aquele seu sotaque de francesa, continua:

— Estar casada com Greg, viver a seu lado, compartilhar do mesmo lar, das mesmas alegrias, sentir-se amparada e ao mesmo tempo feliz, é um sonho maravilhoso que vi transformar-se em realidade!

Quem é, afinal, a mulher que «caçou» um dos mais fulgurantes «astros» do cinema mundial?



Veronique Passani é o tipo perfeito da rapariga francesa, de olhos esverdeados e cabelos escuros, com 1^m,64 de altura e 50 quilos de peso. É descendente de russos e franceses, e, como Peck, filha de um lar infeliz.

Seu pai, Antoine Passani é arquitecto e decorador. Sua mãe, russa de nascimento, inteligente e afável, mora num apartamento em Paris, em companhia de seu filho Cornellius.

Quando estoirou a segunda Grande Guerra, Veronique tinha sete anos, e a sua juventude foi atormentada por sustos e temores, numa Paris ocupada pelos alemães. Conheceu desde pequena a fome e o frio, e aprendeu desde cedo a defender-se sòzinha.

Frequentou o colégio Marymount, em Paris, e aprendeu a falar inglês no próprio colégio, que é americano. Depois de se formar, Veronique viu-se obrigada a ganhar a vida por suas próprias mãos, e conseguiu um emprego no «Paris Press» como colunista social.

E sucedeu que a primeira grande entrevista que fez foi justamente com Gregory Peck!

Foi em 1952. Peck chegou a Paris, de passagem para a capital italiana, onde iria filmar «Férias em Roma». Veronique pôs-se em contacto com o director de publicidade da Paramount em Paris, e conseguiu um encontro num desses românticos restaurantes que se estendem ao longo do Sena.

A primeira impressão de Veronique foi a de que ele era «um homem fascinante, inteligente, maravilhoso»...

A primeira impressão de Gregory foi a de que ela era «uma mulher excepcionalmente encantadora, com a atracção especial de possuir uma inteligência viva e uma brilhante cultura»...

As coisas entre Peck e sua primeira mulher, Greta, corriam muito mal...

Teria Veronique Passani seguido a teoria da Pompadour? De qualquer modo, esse primeiro «rendez-vous» à beira do Sena forjou um belo romance de amor, e um casamento venturoso...

GREGORY PECK na tela





EM CIMA: Com a notável Greer Garson num dos seus mais antigos filmes, «O Vale do Destino»
AO LADO: Todos recordamos ainda (a película foi recentemente exibida em reposição) o seu admirável trabalho em «A Casa Encantada», contracenando com Ingrid Bergman; ao lado de Jennifer Jones, teve outra criação magnífica num papel de complexa contextura, em «Duelo ao Sol»
EM BAIXO: Um momento de ternura do filme «A Planície Vermelha». A estrela asiática Win Min Than foi a parceira de Peck



Gregory Peck pode orgulhar-se de uma carreira cinematográfica quase inteiramente preenchida por grandes êxitos. Dedicado entusiasticamente à vida de actor de teatro, nunca se interessara pelo cinema. Foi um produtor seu amigo que o convenceu, ao cabo de muitas insistências, a deslocar-se a Hollywood e a interpretar um filme. A sua actuação foi recebida com brilhantes elogios. E Peck nunca mais abandonou os estúdios cinematográficos, onde grangearia ràpidamente a fama e a fortuna. Eis algumas imagens dos seus triunfos no «écran».



À DIREITA: Gregory, que várias vezes tem usado uniformes militares no cinema, voltou a envergá-lo em «Gente da Noite»
EM BAIXO: Jennifer Jones foi de novo sua companheira de elenco em «O homem de fato cinzento»; a sua excepcional interpretação de «Moby Dick» emocionou as plateias de todo o mundo. AO LADO, à direita: em «A Mulher Modelo», ao lado de Lauren Bacall, tornou a exibir uma das brilhantes facetas do seu talento, a de comediante magnífico











Durante as filmagens de «A Planície Vermelha», falou-se (mera invenção publicitária) num idílio com a sua «partenaire» asiática Win Min Than. Ignoravam que, na sombra, havia já uma bela jovem chmada Verónica Passani...

seu filho, que se lança com impetuosidade nos seus braços.

Outra vez na Grã-Bretanha para filmar «A Planície Vermelha», e Paris de novo. É a cidade em que Gregory crê encontrar-se a si mesmo; vida boémia, luzes, mulheres, sinceridade e despreocupação nas gentes sem prejuízos. Vida de arte e de amor. É uma vida que descobriu pouco a pouco na Europa e em Paris chegou a cristalizar. Gregory sentiu-se reviver em Pigale, Montmartre, Montparnasse, Ille de France... tudo aquilo que dormia nele há muito tempo: a sua verdadeira forma de ser. Gregory ama a liberdade, a arte, a vida simples e sincera. Em Hollywood não pode viver como desejara; agora despertam nele todos os seus desejos reprimidos, o vagabundo que nas «Neves de Kilimandjaro» tinha forma de novelista que queria fazer literatura da sua própria vida. A Europa abriu-lhe os olhos para outro mundo novo que se lhe tinha vedado; até o amor tem em Paris outro sabor de coisa proibida. Sente-se transformado. Estabelece na capital de França a sua residência, e ràpidamente se apresenta junto dele uma sombra feminina que já havia surgido, quando Greta decidira partir para a Califórnia. Esta sombra tem vinte e nove anos, é esbelta, de feições correctas e graciosas; veste com elegância parisiense envolta em certa despreocupação juvenil, é jornalista e chama-se Verónica Passani, e é de origem eslavo-francesa.

Verónica Passani pretendia escrever uma entrevista com o actor, para o seu jornal, e Gregory sorriu com prazer perante as perguntas que a mulher fazia dum modo «coquete».

Ao actor, Verónica pareceu-lhe a essência da mulher europeia: alegre, feminina, desportiva, simpática e um tanto deslumbrada ante a fama do seu personagem.

— Creio que você está despertando em mim pensamentos reprimidos — tinha dito com picardia ante uma pergunta indiscreta.

— Esteja com cuidado; se o adivinho você está perdido. Voltemos às perguntas. É certo que se encontrou a si mesmo em «As Neves de Kilimandjaro»?

— Assim é, com efeito — responde sério e prossegue — ...mas não falemos disso.

— Já encontrou a sua Susan Hayward na realidade? — pergunta, maliciosa, Verónica, levantando para ele os seus olhos alegres.

— Hum! É muito indiscreta. Sou um homem casado.

— Bem; perguntarei doutra maneira. Procura, como o seu personagem, «outra coisa»? Algo mais que não se lhe deu conta até agora?

— Quer que responda esta noite? Podemos cear juntos e dar-lhe-ei mais pormenores para a sua reportagem.

— Não teme que murmurem por vê-lo com uma mulher desconhecida?

Gregory ri, divertido, e afasta dos lábios o velho cachimbo.

— Bom! Creio que, nesta ocasião, tratando-se duma jornalista, não se meteriam consigo; suponho que você tem influência nos seus companheiros para evitar murmúrios. Parece-me uma descortesia até para os da profissão. A seu lado sentir-me-ei seguro. Isto não é Hollywood.

— Nesse caso, aceito — diz Verónica, guardando o bloco-de-notas em que apenas escreveu quatro linhas.

E assim começa o idílio. Gregory tem que partir imediatamente para Inglaterra e Verónica aparece por ali disposta a continuar a sua reportagem. Gregory marcha para Ceilão e também ali se apresenta Verónica com o pretexto de visitar a esposa do realizador do filme, Robert Parrish. Gregory pouco se mostra pùblicamente com a rapariga, quer evitar os comentários a todo o custo; não se exibem nem parece uni-los outras relações que as de boa camaradagem. Mas Peck sente algo mais do que uma simples amizade por Verónica; dá-se conta de que ela não faz qualquer jogo, de que usa todos os meios para conquistá-lo, e que não emprega para isso más artes.

— Gregory, eu não posso continuar esta comédia a teu lado. Os meus nervos não resistem a esta situação. Quero-te e confesso-o nobremente. Não tenho força para afastar-me de ti; terás que ser tu quem dará o primeiro passo, eu aceitarei a tua decisão e procurarei ser forte. Estou cansada de fingir interessar-me por uma reportagem que nunca escreverei.

— Não queria que chegasses a falar assim. Tens razão; sou um egoísta que



Peck é dos mais expressivos e versáteis actores do cinema actual.



está jogando com o fogo sem se querer comprometer. Mas tenta compreender que eu amo Greta e não quero separar-me dela. Tenho três filhos, Verónica. Agora vou regressar a Hollywood e procurarei tomar uma decisão. Não quero tão pouco fazer-te sofrer, porque te amo. Nunca te deveria dizer isto, mas é necessário que o saibas antes que eu saia para Hollywood. E sabe também que não violentarei por nada a decisão de minha mulher.

— És nobre, Gregory, e precisamente por isso quero que joguemos limpo até ao fim; mas esta situação não pode continuar, por eles e por nós.

GREGORY Peck chegou a sua casa e foi sincero com Greta. Ela adivinhou-o, apenas começou a falar. Gregory estava atormentado, mas queria ser sincero, e Greta compreendeu, apesar do seu desgosto, a dor daquele homem, a quem, apesar de tudo, se sentia unida, desde aqueles maravilhosos anos em que ele buscava um futuro para oferecer-lhe.

— Deves sofrer muito, Gregory. Creio que neste caso deveremos pedir o divórcio. Eu não quero mais esta situação desesperada em que vivi nestes últimos anos; sei que a ti custará tanto como a mim, por Jonathan, Stephan e o rapazito.

— Tens razão; não sabes quantas noites, ao pensar nisto, desejei voltar a ser aquele homem simples dos meus primeiros tempos; sinto-me outro, Greta. É como se me tivesse convertido noutro homem, e não sei se era melhor aquele de então, sem complicações, sem outras ilusões que as de um lar feliz; agora atormentam-me mil ideias distintas, mas creio ser assim mais autêntico; a complexidade da velha Europa pesa sobre mim e derrota-me; já não sou o mesmo que tu quiseste, Greta; este homem de agora também te faria sofrer a ti, porque não encontra calma e vive angustiado.

Ela não disse nada; secou as suas lágrimas e foi ao encontro dos rapazes, que saíram mais cedo do colégio para ver o seu pai.

— Poderei ficar com eles, não é verdade? — pergunta com firmeza.

Gregory consente e passa, emocionado, a sua mão pela cabecita do pequeno Carey Paul, que já tem três anos.

Nova viagem à Europa para se encontrar com Verónica, que espera impaciente no aeroporto de Paris. Os dois juntos seguem logo o caminho de Espanha: Barcelona, incógnitos; Madrid, onde são surpreendidos no Museu do Prado, frente aos «Caprichos» de Goya, por uma máquina indiscreta; por último, Canárias, para actuar como protagonista de «Moby Dick», às ordens de John Huston.

Gregory, apesar de tudo, não parece feliz. Verónica sofre por ele e tenta por todos os meios acalmar-lhe o espírito. Faz por evitar o escândalo e que os vejam a sós. Ocorrera, no lago de Como, Gregory correr atrás dum fotógrafo que os havia retratado juntos; agora já não faz estas coisas mas evita, como antes, qualquer alusão a um possível matrimónio. Na Irlanda continua a rodagem de «Moby Dick»; ali Gregory mostra-se menos veladamente com Verónica, quando se tornou pública a sua separação de Greta.

— Agora, Verónica, já não há outra coisa que fazer; perdoa pelo que possas sofrer com esta minha atitude. Tentei por todos os meios que não chegasse ao inevitável; agora é do domínio público a minha separação de Greta, sabem até a pensão alimentícia que deve cobrar a minha mulher: 750 dólares anuais — diz com amarga ironia. — Olha o jornal: O tribunal concede a Greta Rice metade dos bens comuns e das percentagens dos meus três últimos filmes.

— Greg; tu não és feliz por isto e eu não quero ver-te desgraçado.

— Verónica, tudo passará; agora é





GREG será agora feliz?



Gregory e Verónica formam agora um dos casais mais felizes do cinema. Graças à sua segunda mulher, ele reencontrou a paz do espírito. Ou, pelo menos, julga tê-la encontrado. Porque, para um homem como Peck, é sempre difícil fixar a meta da felicidade...

difícil correr o véu sobre as minhas recordações. Hei-de acostumar-me à minha nova vida. Se não conseguir, regressarei para eles. Tem paciência, rogo-te — diz com voz cansada.

— Sim, amor, tê-la-ei sempre. Mas sentiria que este Gregory novo a quem eu quero não seja o definitivo. Talvez sejam eles que tenham razão — termina, tristemente.

Verónica tão pouco sabe a verdade do enigma do actor de quem está enamorada. É realmente o novo homem, o definitivo? Ter-se-ia Gregory Peck encontrado a si mesmo na Europa?

Os olhos claros de Gregory Peck buscam no rumor familiar do mar uma resposta à sua pergunta e parece que para lá do horizonte surgiram, dentre as águas, as cabecitas infantis de Jonathan, Stephan e Carey Paul saudando-o sorridentes. E Gregory baixa a vista e fica em silêncio, pensativo, sem se atrever a olhar o mar infinito, que continua o seu rumor lento e persistente.

COMO sempre, o tempo resolve as coisas que o espírito atormentado dos homens não tem coragem ou capacidade para solucionar.

Gregory permaneceu na Europa e habituou-se à ausência da sua primeira mulher e dos três filhos. Porque no céu toldado da sua complexa personalidade, ia rompendo as nuvens das suas hesitações e problemas, a estrela daquele amor abençoado, cada vez mais límpida e fulgurante. Não devemos pensar — nem por certo Gregory acredita nisso — que a presença e o inabalável carinho de Verónica possam discernir e serenar completamente o temperamento estranho de um homem como Peck. Mas — o que é tão importante — o actor encontrou nesta mulher a companheira privilegiada, capaz de compreendê-lo até ao absurdo, desejosa de o acompanhar até aos limites da insensatez. Se Greta era a esposa perfeita e resignada, que mil vezes esperava, dócil e paciente, que o marido regressasse dos seus devaneios pelo mundo de uma imaginação irrequieta e insatisfeita, Verónica era a apaixonada ardente que não ficava de braços cruzados, e que se identificava espantosamente com o espírito do seu amado. E este, achando nessa aproximação um lenitivo que até então não conhecera, começou a não desejar estar só nos momentos neurálgicos das suas lutas psicológicas, e a receber do brilho aveludado das pupilas de Verónica o mesmo conforto inexplicável que, nos seus tempos de criança, lhe trazia o murmúrio das ondas do mar.

E o acontecimento delicioso que Verónica Passani aguardava havia tanto tempo, com toda a esperança do seu coração, deu-se no último dia do ano de 1955.

Em certa fazenda de Santa Inês Valley, pairava uma tranquilidade romântica, que o manto da noite tornava mais discreta. Numa linda saleta ornamentada de flores brancas e apenas iluminada por alguns candelabros artísticos, as mãos de Gregory e de Verónica entrelaçavam-se, trémulas de felicidade. E dois dedos exibiam, lado a lado, duas reluzentes alianças de casamento...

★

E nada mais há para dizer da história sentimental de um dos mais famosos «astros» cinematográficos da actualidade. Passaram muitos meses e no lar de Greg e Verónica há agora o sorriso puro de um gracioso pequerrucho chamado Anthony. Gregory sente-se renascer nesse sorriso. Ter-se-á, finalmente, encontrado a si mesmo?...

FIM







N. 24

PREÇO 2$00